



COMUNICAÇÃO POLÍTICA NO INTEGRALISMO

As estratégias e instrumentos de comunicação para a construção de um estado integral brasileiro

Prof. Ms. João Carlos Picolin

Faculdades Integradas Claretianas – Rio Claro-SP

Prof. Ms. Paulo Tomaziolo

Faculdades Integradas Claretianas – Rio Claro-SP e UNISAL – Americana-SP

Profa. Ms. Renata Nascimento Silva

Faculdades Integradas Claretianas – Rio Claro-SP

Prof. Ms. Renato Elston-Gomes

Faculdades Integradas Claretianas – Rio Claro-SP e UNIMEP - Piracicaba-SP

INTRODUÇÃO

Este paper, primeiro resultado de uma ampla pesquisa em desenvolvimento sobre o Integralismo no município de Rio Claro-SP, tem o propósito de abordar, sob a ótica da Comunicação Política, esse movimento liderado por Plínio Salgado, momento marcante da história do país. Assim, será apresentado um levantamento dos meios de divulgação/comunicação da Ação Integralista Brasileira (AIB) que abrangerá desde o uso de símbolos, rituais e objetos até as práticas convencionais de comunicação que serviram para a difusão do ideário integralista no período de 1932 a 1937.

Algumas motivações importantes explicam a justificativa da realização desse trabalho. Em primeiro lugar, Rio Claro, no interior de São Paulo, foi a segunda cidade do país a receber, na época do movimento integralista, o título de *Cidade Integralista* (CAVALARI,

1999, p.35)¹. Outro fator decisivo para essa escolha desse tema se deve ao fato de que o *Arquivo Histórico do Município de Rio Claro*² abriga o *Acervo Plínio Salgado*.

“A idéia de um acervo sobre o Integralismo, em Rio Claro, tomou corpo quando o Arquivo do Município recebeu, por doação da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (IMESP), a Biblioteca que pertenceu a Rui Arruda. Este, além de ter sido um integralista de primeira hora e secretário particular de Plínio Salgado, foi ainda ligado por parentesco e amizade a militância da cidade. A partir deste fato foram feitos, através da Profa. Ana Maria Almeida de Camargo, então diretora do Arquivo, vários contatos com a Sra. Carmela Patti Salgado, esposa de Plínio Salgado, no sentido de que ela doasse o acervo pessoal do Chefe da A.I.B. para que pudessem concentrar em Rio Claro os documentos mais importantes do movimento. Em 1984, a Sra. Carmela doou ao Arquivo todos os documentos e materiais acumulados por Plínio Salgado ao longo de sua vida política, com a condição de que esse material ficasse em lugar público, apropriado para a sua conservação e, principalmente, que não houvesse risco de ser utilizado para outro fim que não o estudo do Movimento. Todo o trabalho de arranjo do acervo foi acompanhado por ela (...) de 1984 a 1989”. (CAVALARI, 1999, p. 36-37).

Porém, cabe ressaltar que não só o Arquivo Histórico do Município de Rio Claro apresentou interesse pelo acervo do Movimento Integralista, mas várias outras instituições, como, particularmente, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro (CAVALARI, 1999, p. 36). Portanto, é importante evidenciar que Rio Claro foi escolhida pela herdeira direta do legado documental do líder máximo do movimento, em detrimento de outras instituições importantes situadas em grandes centros urbanos brasileiros.

Assim, pesquisadores de todo o país encontram no Acervo Plínio Salgado, em Rio Claro-SP, fontes para consultas do período de 1927 a 1976, o que inclui tanto material textual como imagético, além de vários objetos pessoais. A parte textual é composta por 40 mil unidades de correspondência, documentos da AIB, periódicos, escritos de Plínio Salgado (documentos, artigos, discursos, memoriais, projetos, manifestos, pareceres etc.) e

¹ Ainda de acordo com CAVALARI (1999) esse título (de Cidade Integralista) era concedido pelo Chefe Nacional do movimento às cidades que se destacavam por sua militância.

² Instituição nacionalmente elogiada que por sua estrutura e extrema organização se constituiu, ao longo de vinte e dois anos de existência, numa referência fundamental para outras instituições do gênero, associações de pesquisa e pesquisadores provenientes de todo o Brasil que consultam a documentação não só do movimento integralista, mas de outros momentos históricos da vida nacional como, por exemplo, documentos do período da economia cafeeira em que a cidade e região foi palco da ascensão e queda do café, e atualmente, está em andamento a organização do Acervo do rioclarense Ulisses Guimarães.



documentos pessoais e originais de obras (livros, artigos e conferências de Plínio e de outros autores). Entre outros periódicos que faziam parte da *Sigma³ Jornais Reunidos*, se destacam exemplares do *A Marcha*, *Acção*, *O Monitor Integralista*, *O Aço Verde*, *A Offensiva* e *Ra Ta Plan*. Em relação ao material imagético e objetos, o Acervo possui farto material fotográfico da Ação Integralista Brasileira, como desfiles, eventos esportivos, cerimônias e rituais, campanhas eleitorais e atividades do movimento, além de filmes, móveis, tapetes, distintivos, bandeiras, peças de louça, roupas (uniforme adulto/masculino do movimento), bottons, moedas, flâmulas etc. Quanto ao material fotográfico, é importante destacar que há registros de eventos públicos e flagrantes familiares que marcam a influência do movimento nas ações cotidianas de seus adeptos. Merecem destaque registros fotográficos das reuniões familiares, onde símbolos do movimento dividem o espaço com objetos pessoais; dos filhos de integralistas, crianças e adolescentes tratados como plinianos, em gesto de reverência ao movimento; das fachadas de escolas para educação formal integralistas, em que aparecem estudantes junto ao Sigma, símbolo integralista; das Academias Desportivas, associações em que eram desenvolvidas práticas esportivas onde os atletas eram identificados pelo Sigma nos uniformes; dos rituais, como enterros e casamentos, que mostravam integralistas vestidos com os uniformes de camisas verdes, ombreiras com o Sigma e medalhas da estrutura paramilitar; e do Departamento Feminino, de onde se originam escolas técnicas, como a de Corte e Costura. Essa breve descrição ilustra a importância do material encontrado no Arquivo e a perspectiva da continuidade dessa pesquisa. Assim, tal investigação se propõe entender a inserção de objetos e material textual e imagético utilizados pelo movimento como instrumentos de comunicação política que visavam um duplo objetivo: angariar mais militantes para a causa e manter a unicidade do movimento.

Este estudo de caso de caráter exploratório (GIL, 1989, p.45), foi desenvolvido a partir de técnicas de coleta de dados como, pesquisa bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 1986, p.58) e documental (MARCONI; LAKATOS, 1986, p.56), sendo privilegiadas as consultas a fontes primárias devido a riqueza do material encontrado nesse Acervo. Foi realizada, ainda, entrevista não estruturada, na modalidade focalizada (MARCONI & LAKATOS, 1986, p.71) com integrante do movimento em Rio Claro que ainda tem inserção no que resta da cúpula

Para os leitores interessados em ter um contato inicial com este Arquivo consulte o site <http://www.arquivo.guiarioclaro.com.br>.



nacional do então Partido de Representação Popular (PRP), que resultaram em dados que estão nos ajudando a entender as particularidades do movimento e que serão destacados na continuidade da pesquisa.

O referencial teórico adotado pelo trabalho tem por eixo os conceitos que norteiam a comunicação política (propaganda política e ideológica) dentro de uma perspectiva conceitual mais abrangente que são os estudos acerca dos processos ideológicos que, conforme CHAUI (1998), perpassam todos os fenômenos humanos. Portanto, é nessa perspectiva que os instrumentos de propagação do movimento integralista serão analisados.

A estrutura desse artigo obedece a seguinte divisão: primeiramente será abordada, em linhas gerais, a configuração do movimento integralista no cenário nacional dos anos 30 no que tange as suas bases de ação (estrutura e funcionamento da organização, ideário e instrumentos de propagação). Num segundo momento, a análise recairá sobre os dados coletados, ou seja, dos instrumentos de propagação utilizados pela Ação Integralista Brasileira, tendo por eixo o referencial metodológico supracitado. E na conclusão, além de finalizar o artigo apontando qual o papel desempenhado pela comunicação política no que diz respeito à difusão e consolidação da ideologia integralismo, será sinalizado a continuidade dessa pesquisa na história da comunicação política brasileira. Este trabalho, então, está circunscrito ao período de 1932 a 1937, época em que o Integralismo mantinha características de movimento social. Portanto, na primeira etapa do estudo desse fenômeno, não foram abordados os desdobramentos posteriores a esse período, quando o movimento toma acentuados contornos político-partidários.

O INTEGRALISMO

O Integralismo constituiu um movimento político, de caráter totalitário, que emergiu no Brasil no início dos anos 30⁴, inserido-se num cenário em que grandes mudanças e desafios se impunham, não só para a população brasileira, mas toda a população mundial. Portanto trata-se de um contexto em que vários processos sócio-políticos e econômicos atravessavam uma grave crise. Esta conjuntura se iniciou a partir do final da Primeira Guerra

³ A respeito da letra grega Sigma, estaremos tratando mais à frente neste paper.

⁴ Os referenciais de datas correspondem ao Século XX.

Mundial (1914-1918) e aprofundou dilemas econômicos para os países envolvidos no conflito. Isso fez com que nações como a Alemanha e a Itália sofressem aumentos astronômicos de inflação e desemprego. Porém, ao longo da década de 1920, as principais economias ocidentais (EUA e Europa) conseguiram se recuperar, mas em 1929 o mundo se viu novamente às voltas com um cenário violentamente recessivo a partir da grave crise financeira que culminou com a queda da Bolsa de Nova Iorque, nos EUA.

Esse contexto, econômico caótico, teve como contrapartida conseqüências sociais graves (com uma imensa população desempregada e faminta) e, em termos políticos, houve a necessidade da busca de modelos alternativos de organização política colocando em cheque o modelo da democracia liberal parlamentar até então adotado pela maior parte dos países ocidentais⁵. Nessa direção, as respostas que surgiram para solucionar estes problemas vieram a inflamar processos políticos tanto nos movimentos de esquerda, com o Socialismo e o Comunismo, bem como nos movimentos de direita, com o Fascismo e o Nazismo na Europa, ou políticas de intervenção crescente do Estado na Economia (como o *New Deal* nos EUA). Portanto, as soluções totalitárias, que apareceram tanto na extrema direita quanto na extrema esquerda, surgiram num contexto em que o desejo de mudanças não era apenas necessário, mas tinha um caráter de urgência.

Nesse período turbulento da história do capitalismo ocidental, o cenário nacional (além de também sofrer as conseqüências mais amplas da crise do sistema) testemunhou um período marcado pelo desejo de mudança interna na estrutura do poder, já que o domínio das oligarquias café-com-leite dava sinais de esgotamento numa sociedade em fase de industrialização urgente e urbanizada.

Era, então, um tempo fértil em mobilização não só de caráter político (com a Coluna Prestes e a fundação do Partido Comunista Brasileiro - PCB) como de caráter social (com a militância operária e as revoltas tenentistas) e artística (com a Semana de Arte Moderna em que artistas e intelectuais propunham uma renovação não só estética, mas também política da vida nacional). Este grupo de artistas entendia como necessário criar um pensamento centrado em expressões artísticas genuinamente brasileiras e procurava uma forma consciente de consolidar uma identidade nacional.

⁵ Aqui, vale ressaltar que, críticas a esse modelo já eram feitas durante a I Guerra.

Desse movimento (dotado de um forte caráter nacionalista) surgiram figuras expressivas da história brasileira que interpretariam esse desejo do novo (com o viés nacionalista da valorização de uma genuína brasilidade) de forma diversa, como foram os casos de Oswald de Andrade, aderindo ao ideário da esquerda, e Plínio Salgado⁶ criando (e identificado pela historiografia como) um movimento de direita com algumas semelhanças pontuais com o fascismo e o nazismo.

Em se tratando de produção acadêmica, temos uma vasta bibliografia desenvolvida, principalmente pela área das ciências sociais acerca da influência desses movimentos europeus sobre o integralismo. Basicamente, podemos apontar, de forma genérica, que existem dois posicionamentos a respeito desse fenômeno: de um lado temos autores que defendem que o Integralismo se reduziu a simples fenômeno de um mero mimetismo ideológico⁷ do Fascismo e do Nazismo; e, de outro lado, autores que não rejeitam a interpretação dominante de que há uma forte influência de aspectos daqueles movimentos na estruturação do Integralismo, mas alertam que é necessário ter cuidado e estar atento com as especificidades desse fenômeno político brasileiro⁸.

Entender o Integralismo passa obrigatoriamente pela compreensão desse contexto e, ainda, pela trajetória do seu líder máximo, o paulista Plínio Salgado, considerado um grande jornalista e escritor, que procurou através do exercício de leituras (não só de cunho literário mas também de cunho político-econômico sobre o contexto internacional e nacional) estruturar um projeto para o Brasil.

Chegou a militar no PRP⁹ antes de fundar a Ação Integralista Brasileira (AIB), porém, desiludido com essa opção, viajou para a Europa (em 1930) onde conheceu o Fascismo italiano. Ao retornar ao Brasil se envolveu com o Tenentismo, mas, discordando de posturas de esquerda de alguns líderes do movimento, tomou a iniciativa de fundar a Sociedade de

⁶ O trabalho de Héglio Trindade (1979) aprofunda a análise da influência marcante do caráter revolucionário artístico da *Semana* sobre o pensamento de Plínio Salgado.

⁷ Nas palavras de Héglio Trindade que aponta que: “*Embora o Integralismo tenha sido o primeiro partido de massas no Brasil, sua presença na política brasileira foi geralmente desqualificada pela historiografia como mero fascismo caboclo*” (In CAVALARI, 1999, p.09).

⁸ Na referência bibliográfica principal desse trabalho, ou seja, na obra da filósofa Rosa M. Feiteiro CAVALARI (2000) encontramos – na *Introdução* - uma interessante abordagem desse debate em que a autora, através de referências a estudiosos clássicos do fenômeno político do integralismo como Héglio TRINDADE, Gilberto VASCONCELLOS, José CHASIN e Marilena CHAUI, se posiciona juntamente com TRINDADE conforme foi mencionado na nota anterior.

⁹ Militou e se elegeu como deputado estadual no PRP – Partido Republicano Paulista – (partido que representava a oligarquia paulista) onde ficou até 1930.



Estudos Políticos (1932) e, amadurecendo a idéia, em 07 de outubro de 1934 fundou, oficialmente, a AIB.

A estrutura de funcionamento e a organização da AIB, ou seja, suas bases de ação, tinham por eixo um ideário de cunho nacionalista (que privilegiava a convivência social baseada na ordem e na disciplina) propondo uma revolução, não só política, mas espiritual, ou seja, uma mudança cultural integral do homem e de sua vida pessoal, social e política.

Espiritual porque, na visão de Plínio Salgado, as grandes concepções antagônicas que regem a humanidade seriam o materialismo e o espiritualismo. Num mundo entregue ao materialismo individualista (democracia burguesa) e com a ameaça de um materialismo ateu, representado pela ameaça do “perigo” comunista, cabia ao Integralismo combater esses inimigos através de uma Revolução Espiritual. Desta forma, é possível observar nos documentos do movimento, várias referências a Deus, seja nos manifestos, seja nos discursos de Plínio Salgado, ou mesmo em materiais de divulgação. A exaltação a Deus, a respeito da sociedade brasileira, permite uma leitura de ideologia calcada na formação cristã, a mesma formação pregada pela Igreja na formação religiosa e social no Brasil.

Portanto, a luta básica desse movimento era uma ação revolucionária em que, não só o Estado seria transformado, mas também haveria implicações de uma mudança cultural em todos os sentidos e do reforçamento de características sociais pertinentes ao movimento como a religiosidade. Para isso, seria necessário que houvesse um esforço sistemático na constituição de um Estado Integral que, além de garantir uma prosperidade geral, seria um portador do retorno a um estado de espiritualidade em que a vida social seria alicerçada em espiritualismo, nacionalismo e solidariedade¹⁰.

Para um empreendimento de tal envergadura, os *camisas verdes*, como eram chamados os militantes integralistas em função da cor dos uniformes usados por eles, entenderam que era necessário uma organização com um caráter fortemente hierárquico e minucioso, pois as funções da AIB se distribuíam entre organizações locais, distritais e provinciais¹¹. Era na

¹⁰ Mas para atingir esse ideal precisavam combater os dilemas que a democracia burguesa não conseguia combater (pois o capitalismo não seria abolido mas sim reformado) e o comunismo na visão de outro intelectual integralista seria também necessário o combate do judaísmo, é que embora Plínio Salgado seja o principal mentor intelectual do movimento, e ele é que vai imprimir as principais características do movimento outros nomes como Gustavo Barroso e Miguel Reale imprimiram marcas particulares como o forte anti-semitismo do primeiro.

¹¹ Os integralistas não usavam o termo Estado e sim Província. Preferiam esta denominação porque com tal forma de organização política há uma retomada do centralismo que vigorou no império, já que os militantes entendiam que esta opção reforçava o caráter de Estado forte que almejavam para exercer o poder.



cúpula dos conselhos consultivos, *reinando* acima de tudo, que o Chefe Nacional tomava as decisões mais importantes para todo o movimento.

Mencionamos aqui a composição da organização de maneira panorâmica, haja vista que havia uma enorme rede de repartições voltadas para a organização burocrática interna que, simultaneamente, ofereciam inúmeros serviços. Essa atenção para os mínimos detalhes, de acordo com os propósitos da AIB, tinha duas razões básicas: se de um lado se impunha a propagação do movimento para futuros adeptos, esforço concomitante à manutenção da ideologia garantida entre os militantes, do outro era necessário uma estrutura que servisse de modelo para o Estado Integral quando o mesmo fosse constituído no país.

Esse modelo de organização de Estado também contemplava um exército próprio, ou seja, uma milícia constituída por homens do sexo masculino (de 16 a 42 anos), uniformizados e armados, com uma rotina de treinamentos constantes, visando possíveis enfrentamentos com grupos opositores¹² do Integralismo. Destacava-se nessa organização a preocupação com a adequação e integração de grupos com necessidades e perfis específicos, como crianças, adolescentes, jovens, mulheres e negros¹³.

Nesse sentido havia as *blusas verdes*, vinculadas à Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos¹⁴ (SNAFP), com objetivos educacionais, já que viam a mulher como responsável não só pelas tarefas domésticas, mas também pela educação dos jovens. Com relação aos negros, a ideologia integralista tinha como um de seus eixos básicos o entendimento de que a miscigenação era o caminho para a constituição de uma raça brasileira. Desta forma, especialmente nas fotos documentais da AIB e em alguns folhetos e livretos de divulgação e propagação dos ideais do movimento, será observado a presença de homens e mulheres negros e índios.

Além de todos esses cuidados tomados para que o movimento fosse semelhante a um mosaico harmonioso e coerente, havia um código moral de conduta rígido para todo

¹² Conforme BERTONHA (1999), nessa época surgem dois movimentos opostos ao integralismo, como a Frente Única Antifascista (1933 a 1934), que reunia comunistas, socialistas e anarquistas. Esta frente chocou-se num violento confronto com membros da AIB em 7 de outubro de 1934 quando conseguiu dissolver uma manifestação integralista. E em 1935 surgiu a Aliança Nacional Libertadora (ALN), uma iniciativa do Partido Comunista que foi perseguida e tornou-se ilegal por ordens de Vargas.

¹³ Vale conferir a distribuição por faixas etárias sintetizada por BERTONHA (2000, p.65) das organizações juvenis do integralismo em comparação com as do fascismo italiano.

¹⁴ *Plinianos* era uma expressão utilizada para denominar crianças e adolescentes adeptas do integralismo.



integralista cumprir religiosamente. Ao ingressar no movimento, o integralista jurava obediência e fidelidade (CAVALARI, 1999, p.164).

Nessa altura vale lembrar a indagação de CHAUI (1978, p.34): “quem (em termos de classe social) respondeu aos apelos do movimento integralista?”. A classe social que majoritariamente foi conquistada para vestir as *camisas e as blusas verdes* do Integralismo foi a classe média, que amedrontada pelo comunismo se interessou pelo nacionalismo autoritário proposto pelo movimento¹⁵. Em termos da distribuição dos adeptos do movimento no território brasileiro, a concentração foi maior nos estados do Sudeste e Sul, haja vista a presença de uma significativa população descendente de imigrantes alemães e italianos, que da mesma forma que aderiram ao nacionalismo integralista como forma de se afirmar como brasileiros, exprimiam uma forma de ligação aos movimentos políticos dos países de seus ascendentes.

COMUNICAÇÃO POLÍTICA NO INTEGRALISMO

Essas características da organização da AIB contribuíram não só para que o cerco ao militante se fechasse (em termos de controle e padronização das condutas individuais), mas também serviram de complemento num encaixe perfeito com os instrumentos de propagação dessa ideologia, constituindo o que estamos chamando de comunicação política do movimento. Com relação aos instrumentos de propagação, observa-se que se tratava de um conjunto complexo de práticas e materiais que reforçavam os ideais integralistas a ponto de ser criada uma mística em torno do movimento.

Neste sentido, as práticas fundamentais do movimento, que eram trabalhadas nos materiais de divulgação, reforçavam os procedimentos e rituais do Integralismo, bem como toda a simbologia envolvida com o movimento. Um bom exemplo é que, além da escolha da cor verde¹⁶ para os uniformes, o movimento tinha por símbolo máximo a letra grega Sigma que significa, em termos matemáticos, o cálculo integral que, de acordo com BERTONHA (1999), representava o desejo de integrar todos os brasileiros num Estado único e integral.

¹⁵ Assim, a AIB vai se constituir num movimento basicamente urbano.

¹⁶ Neste sentido, destaca-se a cor predominante na Bandeira Nacional.



Outra referência importante é o cumprimento “Anauê”, palavra Tupi-Guarani que significa “você é meu parente”, e que para os integralistas expressava também a opção pela brasilidade assumida no movimento.

Além disso, os integralistas desenvolveram rituais como grandes marchas, desfiles e concentrações celebrando o poder e a força da AIB na exaltação do movimento. Muitos destes rituais e reuniões se associavam aos ritos familiares como casamentos, batizados e funerais. Tais práticas próprias reforçavam uma identidade pessoal e espiritual do militante com a causa que abraçava.

Para se ter uma idéia do caráter místico que revestia esses eventos, a cerimônia conhecida com *A Noite dos Tambores Silenciosos*, em que todas as sedes se reuniam simultaneamente em todos os lugares do país. Os participantes deveriam seguir uma seqüência de orações e saudações, oferecendo ao final três minutos de silêncio em protesto à proibição governamental da milícia integralista. Nessa atividade o participante sentia reforçada a unidade, a coesão e a força do movimento. Para esse evento foi criada a “Oração dos Tambores”: “Senhor, escutae as preces de três mil tambores que estão rufando neste instante em todo o mappa da Patria. Ajudae-nos a construir a Grande Nação Christã: (...) defendei nosso chefe e nossa Bandeira e levae-nos ao triumpho, pelo bem do Brasil” (MURAL II MOSTRA DO MOVIMENTO INTEGRALISTA BRASILEIRO, ARQUIVO PÚBLICO DE RIO CLARO)

Quanto à divulgação do movimento, a AIB contava com uma Secretaria Nacional de Imprensa responsável pelo jornal oficial *O Monitor Integralista*¹⁷, que servia de órgão orientador e punitivo para todos os veículos de comunicação integralistas. O movimento contava, também, com outros 88 jornais em circulação em todo território nacional que se integravam ao *Sigma Jornais Reunidos*, um consórcio jornalístico subordinado à Secretaria Nacional de Propaganda (CAVALARI, 1999).

Dentro desse universo da mídia impressa, não havia apenas publicações de jornais, mas também de livros e revistas, que funcionavam em sinergia. Os livros eram produzidos para a sistematização do *corpus teórico*; a missão dos jornais era a de popularizar a *doutrina* além de divulgar os feitos do movimento. Tais publicações também foram relacionadas às atividades

¹⁷ Uma espécie de Diário Oficial que tinha como função a divulgação da AIB.



radiofônicas, já que os programas de rádio também eram utilizados para a propagação e manutenção da ideologia do movimento.

Além desses instrumentos os líderes do Integralismo percorriam o país com palestras e contavam com o apoio de núcleos organizados. O movimento também explorou outras formas de divulgação de sua simbologia, através de objetos como louças, roupas, distintivos, bottons, bandeiras, panfletos, braçadeiras, fivelas de cinto, ombreiras, peso para livro, medalhas e, até mesmo, moedas¹⁸, que reforçavam as imagens representativas do movimento.

Sob a ótica da Comunicação Política, o Integralismo resume o que TCHAKHOTINE (1967) chamou de propaganda por sugestão. O movimento conseguiu, de fato, gerar grande impacto ao propor ao povo brasileiro a busca de um estado integral. Na mesma medida, destaca-se a propaganda por persuasão, quando da utilização de instrumentos como o jornal, o rádio e as reuniões programadas pelo movimento.

A realização dos rituais, das marchas e de meios de divulgação de massa, mostra claramente a função da Propaganda Política no movimento. Na verdade, a constituição do Integralismo como um movimento social (e não partido político, neste primeiro momento do estudo) se confunde com a própria definição de Propaganda Política, numa leitura mais contemporânea, feita por Neusa GOMES (2000, p.54), considerando a busca por simpatizantes a uma idéia, utilizando-se de técnicas de informação e persuasão como as reportagens editadas no jornal *O Monitor Integralista* e mesmo na *Sigma Jornais Reunidos*.

Se considerarmos a definição de LASSWELL e KAPLAN (1998, p. 148) de que “a propaganda (política) consiste em símbolos manipulados para o controle da opinião pública”, veremos no cumprimento Anauê, na exaltação a Deus e na própria Sigma estampada sobre o mapa do Brasil em todas as publicações, instrumentos de reforço ideológico em relação à estrutura e concepção do movimento integralista. A tentativa de definir socialmente os brasileiros como irmãos, na busca de um estado integral, representado pela somatória da brasilidade de cada um dos brasileiros, negros, índios, mulatos, brancos etc. nos permite visualizar a inferência do movimento em todas as escalas sociais, utilizando-se, para isso, de

¹⁸ Segundo depoimento de Geniberto Pizotti a nós, havia um militante do movimento integralista que trabalhava na Casa da Moeda do Brasil e que, por um determinado período, passou a cunhar por conta própria a Sigma em moedas de circulação nacional. Tal funcionário foi demitido.

símbolos ideológicos que representavam, se não a totalidade dos ideais do movimento, pelo menos as idéias mais importantes, como o nacionalismo e o espiritualismo, por exemplo.

Tal leitura se confirma, ao considerarmos que “ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente (idéias e valores) de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar (...)” (CHAUI, 1998, p. 113). Assim, a estrutura criada pelo movimento, envolvendo, além das práticas convencionais de comunicação (jornal, panfletos, programas de rádio, etc.) ações ligadas diretamente aos valores familiares e seus rituais e à própria educação formal, acabou criando o que Nelson Jahr GARCIA (1982) chamou de Controle Ideológico. Tal controle, normalmente utilizado quando a Propaganda Ideológica não funcionou, neste caso se configura como uma complementação da Propaganda Ideológica do Integralismo, já que acontecia ao mesmo tempo em que outros meios de propagação eram utilizados pelo movimento.

Neste sentido, destacamos ações de práticas esportivas dos integralistas (como as Academia Desportivas do Sigma), escolas integralistas, sociedades de prestação de serviço integralistas, núcleos dirigidos para públicos específicos como crianças e mulheres, núcleos rurais, grupos musicais, entre várias outras formas de inserção social.

Em campanhas realizadas para arrecadar fundos para o movimento, terminologias e expressões de efeito eram utilizadas. O tratamento aos membros ou colaboradores era o de “companheiro”, e a doação era “para o bem do Brasil”. Assim foi com as Campanhas do Ouro realizadas em 1937.

Vale ressaltar, novamente, que muitas das práticas utilizadas pelo Integralismo foram inspiradas nos movimentos fascista e nazista que aconteciam na Itália e na Alemanha, respectivamente. A *Noite dos Tambores Silenciosos*, as marchas, os desfiles e o respeito à hierarquia e a ordem são bons exemplos. A mão estendida para o cumprimento Anauê, a utilização de braçadeiras com a letra Sigma, o próprio conceito de extrema direita nacionalista, foram elementos que se caracterizavam como grandes fontes de divulgação, representação e fortalecimento do movimento integralista, assim como acontecia na Itália e na Alemanha no período que precedeu a Segunda Guerra Mundial.

Da mesma forma que líderes como Mussolini (Itália) e Hitler (Alemanha) trabalhavam o discurso imperativo junto aos seus seguidores, no Brasil Plínio Salgado não fugiu à regra. Ele



se utilizou de várias frases de efeito conclamando os membros do movimento a fortalecerem suas idéias junto à sociedade brasileira e dentro do próprio movimento. É o caso de um carta escrita por ele em 29 de março de 1935 e dirigida aos membros do movimento, onde dizia: “Quando nós éramos 40 eu não recuei, agora que somos 400.000, não recuarei. Para os Camisas Verdes existem três caminhos, três destinos, três glórias: cadeia, cemitério ou o poder. Qualquer deles me satisfaz”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento do material feito até aqui nos permite dizer que elementos persuasivos configuraram os intentos de comunicação do Integralismo. Ao se caracterizar como um movimento social na década de 30, com fortes raízes nacionalistas, envolvendo ingredientes como o espiritualismo e a família, o Integralismo se configurou num importante atrativo para setores específicos da sociedade brasileira.

Vale lembrar que este trabalho é apenas um levantamento preliminar de uma pesquisa maior, que pretende entender todo o movimento integralista, desde a sua origem até a sua configuração em partido político e o conseqüente enfraquecimento. Entretanto, a riqueza do material documental encontrado no Arquivo Público de Rio Claro, já nos permite apontar algumas das inferências relacionadas entre o Integralismo e a Comunicação Política apontando para o caminho que esta pesquisa pretende seguir na sua totalidade.

Assim, ressaltamos a utilização de importantes estratégias de comunicação pelo movimento, desde a utilização de meios de massa, como os jornais, por exemplo, até o seu fortalecimento a partir da comunicação interpessoal e de grupo. Destacamos, aqui, a utilização de atrativos importantes neste contexto, associados à simbologias de forte estímulo ideológico, como são os casos da família, das reuniões integralistas caracterizadas em momentos particulares, como batizados, enterros, etc., a *Noite dos Tambores Silenciosos*, a Sigma sobre o mapa do Brasil, além, é claro, das frases de efeito, sempre presentes no discurso ideológico.

Portanto, podemos dizer que o movimento integralista se utilizou de diferentes formas de Comunicação Política para introduzir os seus ideários no cenário nacional, bem como reforçar características socialmente estabelecidas, envolvidas diretamente com os propósitos



do movimento, ressaltando a idéia da brasilidade aos brasileiros, na busca por um estado integral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTONHA, João F. **Sob a sombra de Mussolini**: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945. São Paulo : Anna Blume, 1999.

BERTONHA, João Fábio Bertonha. **Fascismo, Nazismo e Integralismo**. São Paulo: Ática, 2000.

CAVALARI, Rosa M. F. **Integralismo**: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru: EDUSC, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In.

CHAUÍ, Marilena; CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia. **Ideologia e Mobilização Popular**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra/CEDEC 1978.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 38ª ed. São Paulo: Coleção primeiros passos, Brasiliense, 1998. 128 p.

GARCIA, Nelson J. **O que é propaganda ideológica**. São Paulo: Coleção primeiros passos, Brasiliense, 1982. 94p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª ed. São Paulo, Atlas, 1989. 207p.

GOMES, Neusa Demartini. **Formas persuasivas de comunicação política**: propaganda política e publicidade eleitoral. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. 135p.

LASSWELL, Harold e KAPLAN, Abraham. **Poder e sociedade**. 2ª ed. Tradução de Maria Lucy Gurgel Valente de Seixas Corrêa. Brasília: UnB, 1998. 330p.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 1986.

TCHAKHOTINE, Serge. **A mistificação das massas pela propaganda política**. Tradução de Miguel Arraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 609p.

TRINDADE, Héglio. *Apresentação*. In CAVALARI, Rosa M. F. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru: EDUSC, 1999.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. São Paulo: DIFEL, 1979.